

DIALOGISMO E INTERTEXTUALIDADE EM “AS NAUS”

Carlos Henrique Lopes de Almeida^{*}
Kyldes Batista Vicente^{**}
Silvana Lovera Silva^{***}

RESUMO: *Dialogismo e Intertextualidade são as marcas predominantes em “As Naus”, do escritor português António Lobo Antunes, na qual, atmosfera, espaço, tempo e ambientação percorrem o Império Colonial Português e vários países de Língua Portuguesa. As imagens evocadas representam outra visão da realidade da Colonização Portuguesa. Lobo Antunes cria um verdadeiro espaço de carnavalização ao colocar lado a lado personagens, lugares e acontecimentos de diferentes épocas.*

PALAVRAS-CHAVES: *Carnavalização; Intertextualidade; Naus.*

ABSTRACT: *Intertextuality and dialogism are the dominant brands in the “Naus,” the Portuguese writer Antonio Lobo Antunes, in which atmosphere, space, time and setting travel the Portuguese Colonial Empire and several Portuguese-speaking countries. The images evoked represent another view of the reality of Portuguese colonization. Lobo Antunes creates a real space carnivalization to place side by side characters, places and events from different times*

KEYWORDS: *Carnivalization; intertextuality; Naus.*

As Naus, do escritor português António Lobo Antunes, é uma “sedutora provocação de diferenças” na qual, atmosfera, espaço, tempo e ambientação percorrem, juntamente com o código intertextual, o Império Colonial Português e vários países de Língua Portuguesa. Evocando imagens e dando, através delas, outra visão da realidade da Colonização Portuguesa. O autor cria, assim, um verdadeiro espaço de carnavalização ao colocar lado a lado personagens, lugares e acontecimentos de diferentes épocas. Produz uma verdadeira reviravolta dentro da narrativa ressuscitando os mortos. Podemos presenciar este aspecto na passagem: “O homem de nome Luís misturou-se com os ressuscitados que povoam as trevas de Lisboa...” (ANTUNES, A.L., 1988, p.94).

Em relação às personagens há uma mudança das características e da imagem que cada uma representou para a história oficial, instaura-se, desta forma, um grande caos. O que é sagrado torna-se profano e o sério

^{*} Mestre em Letras e Linguística (UFG), professor Assistente de Língua e Literatura de expressão espanhola do curso de Letras da UFPA – Campus de Abaetetuba/PA.

^{**} Mestre em Letras e Linguística (UFG), aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas – Doutorado (UFBA), professora de Literatura Portuguesa (UNITINS), kyldesv@gmail.com

^{***} Mestre em Letras: Teoria Literária e Literatura Comparada (UNESP/ASSIS/SP), professora de Teoria Literária (UNITINS), lovera@arnet.com.br

torna-se cômico. Assim, temos um espaço totalmente carnalizado onde encontramos, através da utilização da sátira, a grande crítica ao Império Colonial Português e a imagem da sua queda.

A narrativa tem início com as lembranças de Pedro Alvares Cabral, que fugiu de Angola depois da revolução, e encontra-se, no Aeroporto de Lisboa, à espera da sua vez de ser cadastrado. Neste primeiro momento já conseguimos observar a mistura do passado com o presente, juntamente com nomes e lugares como na citação que segue:

Passara por Lixboa há dezoito ou vinte anos a caminho de Angola e o que recordava melhor eram as discussões dos pais na pensão do Conde Redondo onde ficaram entre tinir de baldes e resmungos exasperados de mulher. (Antunes, 1988, p.9)

A própria palavra “Lixboa” conservada na sua redação antiga demonstra a retomada de um passado muito distante da revolução acontecida em Angola. O próprio personagem Pedro Alvares Cabral caracteriza esta mistura de épocas.

Em outra passagem Cabral recorda o motivo não só do seu retorno, mas de todos os que estavam em Angola, a Lisboa.

E esta memória remota trouxe-lhe de súbito ao nariz o aroma de bosta de vaca dos derradeiros meses, desde que a telefonia anunciou a independência de Angola decretada por Sua Majestade, no rescaldo de um motim, durante as cortes de Lixboa, o odor do suor, da diarreia, do medo, quando colávamos em pânico os armários aos caixilhos.. (ANTUNES, 1988, p.14).

ou

Os que regressavam consigo, clérigos, astrólogos, genoveses, comerciantes judeus, aias, contrabandistas de escravos, brancos pobres do Bairro Prenda, do Bairro Cuca...(ANTUNES, 1988, p.19)

O texto é suscetível em sua totalidade à “iluminação recíproca” sendo rico em “ressonâncias dialógicas”, como se outras vozes participassem narrando conjuntamente com o autor implícito. Em consequência “o disforme” se torna o oposto do sublime derrubado, desmontado pelas várias vozes.

Com a fuga de Cabral e de todos os personagens que transitam na obra temos a imagem primordial da queda do Império Colonial Português, juntamente com seus lugares de verdadeira confusão e mistura. Estabelecemos, então, a partir destes fatos, um questionamento: o que fazer com este Império? Esta questão perpassa a obra, como uma necessidade de estabelecer quem herdará os resultados do Colonialismo Português.

Em outro momento da narrativa, temos a colocação de um início irônico em que aparentemente seria contada uma “história infantil”, um “conto de fadas”, para introduzir na narração a personagem Luís de Camões. A introdução “Era uma vez...” lembra o início de uma fábula: “Era uma vez um homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda...”(ANTUNES, 1988, p. 19)

Camões é a personagem que foge de Luanda trazendo o pai morto dentro de um caixão e busca de todas as maneiras se desfazer dele. O pai morto, apodrecendo, cheirando mal e que ninguém quer poderia representar o Império Colonial Português com todos os seus feitos e destruições, todos apodrecidos na história. E é com o retorno de Camões ao reino que temos a primeira imagem forte da destruição, descrita por ele:

O homem de nome Luís mudou o pai de braço para aliviar o cotovelo mas palavra que nunca pensei que Lisboa fosse este dádalo de janelas de sacada comidas pelos ácidos do Tejo, as vacas sagradas destes rebanhos de eléctricos, estas mercearias de saquinhos de amêndoas e de garrafas de licor, palavra que imaginava obeliscos, padrões, mártires de pedra, largos percorridos pela brisa sem destino da aventura.(ANTUNES, 1988, p.92)

Por intermédio destas imagens, vemos o Império ruído e destituído de seus grandes mártires, feitos e navegações. O personagem Camões é uma das grandes chaves da narrativa e conforme as imagens das grandiosidades heróicas de Portugal vão sendo destruídas ele vai escrevendo seu poema. Há aqui um grande jogo de intertextualidade, na medida em que o autor implícito coloca Camões que, escreveu *Os Lusíadas*, exaltando os heróis portugueses e suas navegações, e ao mesmo tempo o coloca (Camões) tendo uma nova visão de Portugal, através da aparência decadente de Lisboa. Camões vai, desta forma, desmontando seus próprios versos com a nova pátria que encontra, destituída dos heróis e dos feitos que exaltou.

No aspecto da atmosfera, encontramos a presença da obscuridade, da sujeira, da confusão e do mofo, como nas seguintes passagens:

Depois de estender-se no cobertor, poisou a nuca nas palmas e entreteve-se a seguir o crochet meticuloso das aranhas e o cio dos ratos nas vigas do tecto cobertas de caranguejos e percebes, sonhando com os braços nocturnos das negras carecidas. (ANTUNES, 1988, p. 20)

ou

Da segunda pensão, onde à noite se respirava o aroma de cadela preta do mar, distinguindo à distância, por cima dos eucaliptos, sob

a forma de uma bruma escura que se misturava com o céu e em que dançavam sem peso as grandes naves dos mortos... (ANTUNES, 1988, p.136)

A narrativa apresenta a predominância da “ambientação dissimulada que exige a personagem ativa: o que a identifica é um enlace entre o espaço e a ação”, ou seja, os atos da personagem, nesse tipo de ambientação, vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos, há mobilidade das coisas observadas”. (LINS, 1976,p.83-84) Como exemplo temos:

Depois do jantar agüento uma porção de tempo, a chupar o charuto, de olhos abertos na noite, e a partir das duas, ou seja, a seguir ao carro-patrolha iluminar os estores fracturados e desaparecer na embaixada da Itália , levanto-me devagarinho para não acordar a minha mãe e os filhos que dormem na mesma cama e desço as escadas amparando a barriga com o ninho da palma... (ANTUNES, 1988, p.41)

Nas passagens que relatam o estado de Lisboa está a caracterização simbólica de um espaço totalmente desmontado onde personagens que retornam não encontram o aconchego da terra natal, mas um lugar desfigurado e avesso, composto por um emaranhado de ruas, objetos e acontecimentos que se misturam. Podemos perceber isso na seguinte passagem:

E agora que o avião se fazia em Lisboa espantou-se com os edifícios da Encarnação, os baldios em que se ossificavam pianos despedaçados e carcaças rupestres de automóvel, e os cemitérios e quartéis cujo nome ignorava como se arribasse a uma cidade estrangeira...(op.cit. p.11)

Retomando o aspecto da carnavalização que, para Bakhtin, “é mais do que uma festa ou um festival; é a cultura opositora do oprimido, o mundo afinal visto “de baixo”, não a mera derrocada da etiqueta, mas o malogro antecipado e simbólico de estruturas sociais opressoras “ (STAM,1992, p.82). É possível identificar este mundo “visto de baixo” em *As Naus*, durante todo o desenrolar da narrativa na qual o autor implícito “inverte a ordem , casa opostos sociais e redistribui papéis de acordo com o “mundo de ponta cabeça”. Esta carnavalização coroa e destrona ; ela “arranca de seus tronos monarcas e instala hilariantes reis da bagunça e seus lugares”(idem) .Encontramos este aspecto na aparição de mais de 80 personagens importantes para a história , não só de Portugal , mas de diversos países. Todos eles são apresentados descaracterizados de seus feitos . Como exemplo, podemos citar as figuras do rei D. Manuel e do

navegador Vasco da Gama , ambos despidos das roupagens da história oficial :

... o rei D. Manuel , instado pela preocupação das cortes chamou a Lisboa e lhe participou que o nomeara comandante de uma expedição de biólogos sudaneses enviados de submarino ao Pólo Norte a fim de estudarem as leis genéticas da reprodução dos pingüins.

ou

Havia quarenta e dois anos que Vasco da Gama não falava com o monarca, e após meses sem conta na sala de espera, a ler revistas de consultório médico... , ... encontrou um príncipe envelhecido afastando as moscas com o ceptro , de coroa de lata com rubis de vidro na cabeça e hálito de purê de maçã de diabéticos... (ANTUNES, p.117).

Personagens como o missionário Jesuíta Padre António Vieira colocado como um bêbado: " ... o padre António Vieira, sempre de cachecol, expulso de todos os cabarés de Lisboa , procedia a uma entrada imponente discursando os seus sermões de ébrio ...".(op.cit., p124).

A sátira aparece, também, naturalmente reduzida ao "cômico dos tipos, a um flagrante de ridículos humanos colhidos diretamente do real" (COELHO, 1994, p.994). Um dos personagens que podemos destacar, naquilo que representou, é o grande dramaturgo e poeta português Gil Vicente, que desfila exuberante com seus personagens pelas ruas de Lisboa. A exemplo disso, temos a seguinte passagem: "Uma carroça de comediantes marchava a duzentos metros num pandemônio de gaitas, para um batizado no paço, e lá ia o ourives Gil Vicente a gesticular no meio de diabos e pastores" (ANTUNES, 1988, p.91).

A aparição de Gil Vicente, talvez, esteja ligada ao fato deste dramaturgo ter criticado esplendidamente, com suas peças satíricas, os problemas de sua época, denunciando ironicamente aquilo que estava errado. Assim, os personagens desfilam suas caricaturas com um espírito satírico, servindo para tecer, na trama, a grande crítica às efemérides do Colonialismo Português e a sua queda.

Dentro deste ambiente de confusão, encontramos na aparição de tantos nomes e lugares de diferentes épocas a imagem desta Lisboa decadente. É no meio desta construção que encontramos Diogo Cão, grande navegador que aparece da seguinte forma:

Diogo Cão, tinha trabalhado em Angola de fiscal da Companhia das Águas, ... Anunciava-se, já de voz incerta bebericando de um frasco oculto no forro do casaco, que há trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos comandara as naus do infante pela costa de África abaixo.(op.cit., p.65)

Diogo Cão, no decorrer da narrativa, está à procura de "ninfas", e mais tarde, no lugar das "ninfas" que procurava é encontrado por uma "prostituta" que o amava muito e viera de Luanda para reencontrá-lo. Muda-se com ela para outro lugar de Lisboa, longe do "Apóstolo das Índias" e, em decorrência desta mudança, ao tentar transportar seus livros de navegação para o novo lar pouco a pouco, vencido pelo cansaço, vai se desfazendo dos mesmos. Cito:

O peso das ilhas e das penínsulas de Diogo Cão, excessivo para a idade de ambos, obrigava-o a desembaraçar-se uma a uma das enciclopédias, inteiras de arquipélagos e de estreitos no trajeto...
... o planeta inteiro sumiu-se dessa forma , país a país e meridiano a meridiano , nos caixotes da cidade...(ANTUNES, 1988, p.232)

Simbolicamente poderíamos atribuir estas imagens das enciclopédias, mapas e cartas sendo atiradas "... nos caixotes da cidade", como uma negação às grandes descobertas, às navegações e feitos do Império Português. Uma crítica audaz e ironicamente estabelecida pelo autor implícito, na qual Diogo Cão devolve cada pedaço, cada rota traçada, cada lugar conquistado.

Ao continuarmos nossa análise destacamos, ainda, personagens como o Missionário Jesuíta Espanhol considerado o "Apóstolo das Índias", Francisco Xavier apresentado, na obra, da seguinte maneira: "O Senhor Francisco Xavier, indiano gordo de sandálias, recebeu-o no camarote do vestibulo cercado de uma dúzia de indianozinhos todos parecidos com ele ..." (op:cit. p.32).

Como dono do "Residencial Apóstolo das Índias" onde o ambiente sujo, negro, com muita escuridão e pobreza reflete a confusão instaurada no reino. O "Residencial Apóstolo das Índias" e o lugar onde todos os que retornaram buscam para morar e são, ao mesmo tempo, explorados pelo indiano. Assim, percorrendo este lugar imundo temos a seguinte imagem:

De maneira que ficaram à espera no vestibulo diante do alarido tojo e dos ralos de agosto: ... completamente mudos, arqueados e quietos na escuridão que crescia , medindo tudo , as centopéias sem rumo , os escaravelhos mortos , as lagartixas átonas nos relevos no tecto...(op.cit. p.34).

Nestas imagens e em tantas outras existentes na narrativa há a presença da morte vista na escuridão, sujeira, silêncio e, principalmente, pelo aspecto de abandono em que encontramos cada lugar. Também temos o anúncio desta morte na presença do pai de Camões. Tudo isso nos faz retomar a pergunta feita anteriormente: O que fazer com este Império ? Um dos caminhos que, talvez, a obra apresenta é o de acabar com o Império condenando-o à morte. Na representação da busca desesperada

de Camões por um lugar para enterrar o pai e desfazer-se dele, ou seja, do caixão incômodo, encontramos o Colonizador condenado com todos os seus atos ditos “heróicos”. Deste modo, quando um botânico de nome Garcia da Orta consegue dissolver totalmente o pai de Camões em um preparado, mata-se o Império por completo. Notamos isso na seguinte citação:

... separamos a serradura , e como nas farmácias entornamos o meu pai , com a espátula de uma faca de peixe , numa garrafa de leite , cartilagens , tendões , falanges , pedacitos aquosos de carne , a dentadura postiça em bom estado que guardei na algibeira das calças para quando fosse tão idoso e sem bochechas como ele,...(ANTUNES, 1988,p. 158)

E é na casa de Garcia da Orta que plantas carnívoras crescem devorando tudo e todos que encontram pela frente como na passagem que segue:

...Garcia da Orta e o homem de nome Luís, sem contar os meninos que iam desaparecendo um a um comungados acônitos por e nardos (um pé de bugavilia ocupou-se do derradeiro numa única dentada ...)(op.cit.p.164).

Ainda como ponto forte da narrativa temos a presença dos “espaços geográficos” que aparecem constantemente e com grande variedade de lugares. Colaboram, desta forma, para , na maneira em que são apresentados, acentuar a carnavalização presente na obra. Lugares como Lisboa e suas ruas, Nampula, Beira, Luanda, Goa, Brasil, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e outros.

Na continuação, basicamente nas últimas páginas, encontramos a personagem Luís de Camões em um hospício ainda compondo seu poema heróico . Um personagem , “albino e míope”, aparece e convida “o homem de nome Luís”, para ver a chegada “triunfal” do rei D. Sebastião , destacado na passagem que segue:

... e o convidou a presenciar na Ericeira , na primeira semana de outubro o desembarque do rei:
- D. Sebastião aparece das ondas num cavalo branco, assobiou ele depositando uma rosa no seu frasco.
O poeta imaginou uma horda de tísicos em uniforme hospitalar, acorados na neblina das dunas, à espera de um monarca risível que se elevaria das águas na companhia do seu exército vencido.(op.cit.,p.240)

E, no dia marcado para a chegada do rei, Camões e seus

companheiros fogem do sanatório¹. Todos vão esperar o rei, como que, ironicamente abandonados, os súditos esperam o rei que jamais virá. Todos que lutaram pelo Império são agora, no momento do caos, abandonados por ele. Assim, simbolizando a queda total deste Império vencido, encontramos, magicamente descrito, a personagem D. Sebastião que, como um herói, até mesmo, um São Jorge, nunca chegou. “O nosso bando de gaivotas em roupão, empoleiradas a tossir nos lemes e nas hélices, aguardando, ao som de uma flauta, que as vísceras do mar emudeciam, os relinchos de um cavalo impossível”. (ANTUNES, 1988,p.247)

Diante de todas as imagens resgatadas neste trabalho a conclusão a que chegamos é a da brilhante desmitificação do Império Colonial Português. Suas audácias, conquistas e uma crítica elaborada, através da ironia, contra a colonização. É o colonizador visto, também, do ponto de vista do colonizado em um texto que nunca quer dizer uma coisa só. Um Império sem salvação, condenado à morte, participante de uma montagem dentro de uma obra que provoca as diferenças e na qual, ela mesma, acaba sendo a diferença principal.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Antonio Lobo. AS NAUS. Lisboa: Publicação Dom Quixote\ Circulo de Leitores, 1988.

CAMÕES, Luís de. OBRA COMPLETA. Rio de Janeiro. Companhia Aguilar Editora,1963.

CHEVALIER, Jean. DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. Editora José Olímpio, 1982.

COELHO, Jacinto do Prado. DICIONÁRIO DE LITERATURA. Mário Figueirinhas Editora- Porto, 1994.

LINS, Osman. LIMA BARRETO E O ESPAÇO ROMANESCO. São Paulo. Ed. Ática, 1976.

STAM, Roberto. BAKHTIN; DA TEORIA LITERÁRIA À CULTURA DE MASSA. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

¹ Casa para tratamento de Tuberculosos.